



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

CASAMENTO E RELAÇÕES DE GÊNERO EM “OS OBEDIENTES”, CONTO DE CLARICE LISPECTOR.

Autor: Francisco Ronaldo da Silva Santos

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: ronaldosantos_cool@hotmail.com

INTRODUÇÃO

“Os obedientes”, conto de Clarice Lispector, foi publicado primeiramente em 1964 na coletânea de contos *Legião estrangeira* e, em 1971, integrou a obra contística *Felicidade clandestina*. A princípio, a narradora faz a apresentação, porém, não é uma introdução da história, apresentando personagens e lugares, mas, sim, considerações sobre a própria narração, incluindo advertências sobre o narrar da história, o que se espera como reação à história narrada e o que aspira do interlocutor.

Quanto ao enredo, é contada a história de um homem e uma mulher casados. Esse casal, que vivia junto há muitos anos, levava uma vida aparentemente harmoniosa, sendo esta normalidade o maior patrimônio que eles construíram em matrimônio. Para alcançar sucesso no casamento, eles viviam na irrealidade, cumprindo uma rotina metódica e sem a ocorrência de erros, obedientes ao que se convencionou ser o papel de marido e mulher. Alcançando a meia idade, as personagens, individualmente, começaram a nutrir em seu interior o pensamento de que fora do casamento lhes seria possível serem mais felizes. Porém, não achavam força para mudar. Certo dia, a mulher, que experimentava com mais frequência a realidade, ao morder uma maçã, quebrou um dente da frente. De frente ao espelho, olhando para si mesma sem um dente e com meia idade, é acometida por uma epifania, o que a faz cometer suicídio ao se jogar pela janela do apartamento. O marido permanece existindo.

A perspectiva a ser adotada na análise desse conto será, através da minuciosa leitura do conto e a partir da leitura de textos acadêmicos que tiveram tal narrativa como objeto de estudo, nos debruçarmos sobre a narrativa a fim de reconhecermos na protagonista feminina



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

marcas de fragmentação identitária que comporiam uma máscara social. Para tanto, observando a estrutura narratológica do texto de Clarice Lispector, acreditamos ser necessário decompor esta análise em dois parâmetros: o primeiro relacionado à construção das personagens enquanto casal, em que eles são moldados em conjunto; logo em seguida, o segundo parâmetro, que tratará das personagens separadamente, dando mais enfoque à personagem feminina.

O CASAL: “‘SER UM IGUAL’ FORA O PAPEL QUE LHES COUBERA”

O conto inicia com uma grande introdução feita pela narradora em relação ao contar da história que ela irá iniciar. Logo no primeiro parágrafo – constituído por apenas uma linha e sem recuo – a narradora afirma que a narrativa “Trata-se de uma situação simples, um fato a contar e esquecer” (LISPECTOR, 1998, p. 81). Ao mesmo tempo, se a história fosse algo tão banal, a própria narradora não lhe daria importância, o que não acontece, já que ela está contando a história.

Assim, a narradora se mostra afetada pelos acontecimentos, pois “se alguém comete o erro de parar um instante mais do que deveria, um pé afunda-se dentro e fica comprometido” (LISPECTOR, 1998, p. 81), como ela mesma se afetou e, conseqüentemente, comprometeu a história. Isso fica evidente no trecho “afundados demais, já não se trata mais de um fato para se tornar apenas a sua difusa repercussão” (LISPECTOR, 1998, p. 81), desdizendo o que afirmou no primeiro parágrafo, pois, ao se tornar uma repercussão, provavelmente essa história já sofreu as ações naturais do contar e recontar e foi modificada.

Ao iniciar o desenvolvimento do conto, a narradora refere-se ao casal como “Esse homem e essa mulher” (LISPECTOR, 1998, p. 82), dando a entender pelos pronomes demonstrativos que as personagens da história não são pessoas próximas a ela e que eles servem apenas como ilustração para a história ser contada, como se representassem qualquer homem e qualquer mulher, um possível motivo pela não-nomeação das personagens.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O distanciamento entre a narradora e essas personagens sugere, também, que não há relação de proximidade com eles ou afeto. Mesmo assim, é possível perceber que seu discurso adquire tom sentimental, que é perceptível quando ela interfere no fluxo narrativo para comentar que não entende qual a necessidade que as pessoas têm de quererem ir o mais longe possível nas relações: “Esse homem e essa mulher começaram – sem nenhum objetivo de irem longe demais e não se sabe levados porque razões pessoas têm” (LISPECTOR, 1998, p. 82). Sua posição de observadora também é a responsável pelo esforço em se ater a contar a história sem pender para o lado feminino: “hesito em ser agressiva ou recolher-me um pouco ferida” (LISPECTOR, 1998, p. 82).

A intenção desse casal era viver intensamente, e a princípio ambos estão convencidos de que alcançariam esse objetivo através de um código de condutas que aceitaram e estavam dispostos a segui-lo. Assim foi construída sua vida no matrimônio: “A tentativa de viver mais intensamente levou-os, por sua vez, numa espécie de constante verificação da **receita** e despesa, a pesar o que era e o que não era importante” (LISPECTOR, 1998, p. 82) (grifo nosso). Nesse sentido, a palavra “receita” aparece com duplo significado: como uma fórmula a ser seguida ou como o valor de rendimentos de alguém; nos dois casos, é verificável que o casal estava mergulhado na burocracia como forma de controle da relação a fim de se conseguir a felicidade desejada.

Esse esforço de controle do cotidiano, no entanto, mostrava-se mal sucedido, pois “de nada adiantava o vago esforço quase estrangido que faziam: a trama lhes escapava diariamente” (LISPECTOR, 1998, p. 82). Assim, as personagens eram acometidas pela desesperança, pois ao mesmo tempo em que não se entregavam à vida e/ou ao destino, também não conseguiam controlá-los. Esse descontrole na tentativa de condução da vida já era questionado pela narradora no início do conto quando se indagava sobre qual a força motora da vida: “À procura do destino que nos precede? e ao qual o instinto quer nos levar? instinto?!” (LISPECTOR, 1998, p. 82). Essa questão, impossível de se responder, acompanha as personagens em sua trajetória na narrativa.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O efeito gerado por esse plano de viver intensamente a partir do controle do cotidiano é negativo, pois

Só, por exemplo, olhando para o dia passado é que tinham a impressão de ter – de algum modo e por assim dizer à revelia deles, e por isso sem mérito – a impressão de ter vivido. Mas então era de noite, eles calçavam os chinelos e era de noite (LISPECTOR, 1998, p. 82).

Dessa forma, a vida das personagens nunca está no presente, mas sim no passado, quando estes percebem que viveram. Isso pode ser percebido graças à repetição do trecho “a impressão de ter” antes e depois do travessão, que é um modo textual de mostrar que o presente das personagens, quando a frase é repetida, é reflexo do passado, quando o trecho é falado pela primeira vez. Outrossim, também vivem no futuro, quando tentam controlar o que está por vir. Assim, o presente não é concreto, mas está suspenso na irrealidade, como diz a narradora posteriormente. Além disso, esse trecho demonstra quão metódico a vida do casal se tornou, pois era o ato de calçar os chinelos o indicador que a noite havia chegado.

A narradora permanece enaltecendo as situações mórbidas que formavam seu cotidiano e sugere no trecho “pessoas precisam tanto poder contar a história delas mesmas. Eles não tinham o que contar” (LISPECTOR, 1998, p. 83), que essa situação em que vivia o casal foge da normalidade do comportamento humano e, conseqüentemente, a narradora indica que essa anormalidade poderia ter uma reação negativa no futuro das personagens.

A tentativa infrutífera de alcançar a felicidade enquanto casal através de ações calculadas é reforçado novamente nos trechos: “quando faziam o balanço de suas vidas, nem ao menos podiam nele incluir essa tentativa de viver mais intensamente, e descontá-la, como em imposto de renda” (LISPECTOR, 1998, p. 83) e “Balanço que pouco a pouco começavam a fazer com maior freqüência, mesmo sem o equipamento técnico de uma terminologia adequada a pensamentos” (LISPECTOR, 1998, p. 83), que confirmam o modo como eles lidavam com as situações da vida, ou pelo menos esperavam resolver: com um “equipamento técnico”, uma fórmula ou equação que resolvesse suas equações e problemas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Dessa forma, é possível ter uma visão simplificada do cotidiano do casal, que parecia não sofrer muitas alterações, já que os dias lhes pareciam iguais e “Talvez apenas devido à passagem insistente do tempo tudo isso começara, porém, a se tornar diário, diário, diário” (LISPECTOR, 1998, p. 83). Esses atributos da vida do casal são insistentemente recobrados durante toda a narrativa, que dá a impressão de não evoluir ou não se modificar por um tempo, insistindo em um mesmo ponto, espelhando a vida do casal.

A alteração dessa linha narrativa repetitiva aparece quando, após muito se criar uma atmosfera de mesmice para caracterizar o casal e, em alguns momentos, sugerir um desfecho trágico como consequência natural de uma vida sem graça, a narradora quebra essa expectativa afirmando em uma frase curta e resoluta que “Mas não era apenas assim que sucedia” (LISPECTOR, 1998, p. 83). Assim, a narradora traz à tona a informação de que essa vida não era totalmente indesejada, diferentemente do que se fez imaginar, isso porque viver de forma passiva como foi de escolha deles reservava-os benefícios. Segundo a narradora: “estavam calmos porque ‘não conduzir’, ‘não inventar’, ‘não errar’ lhes era, muito mais que um hábito, um ponto de honra assumido tacitamente” (LISPECTOR, 1998, p. 83). Dessa forma, o casal cumpria um contrato assumido pelos dois, referindo-se ao casamento. Seguindo o que se determina o matrimônio, não lhes era necessário tomar muitas decisões ou fazer escolhas importantes, pois o que se esperava deles já havia sido roteirizado socialmente; “Eles nunca se lembrariam de desobedecer” (LISPECTOR, 1998, p. 83), pois, como já mostrado, assumido o compromisso, eles o cumpriam respeitosamente. Desse modo,

Tinham a compenetração briosa que lhes viera da consciência nobre de serem duas pessoas entre milhões iguais. "Ser um igual" fora o papel que lhes coubera, e a tarefa a eles entregue. Os dois, condecorados, graves, correspondiam grata e civicamente à confiança que os iguais haviam depositado neles. Pertenciam a uma casta. (LISPECTOR, 1998, p. 83)

Dessa forma, não lhes parecia estranho seu modo de vida, posto que imaginavam ser assim com todos os outros que pertenciam ao mesmo grupo que eles. Assim, as personagens acabam



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

adotando uma máscara para cumprir com essas expectativas através da cobertura do próprio rosto, que é sinônimo de suas individualidades, a favor da igualdade aos demais.

Para finalizar essa extensa descrição do cotidiano das personagens enquanto casal, que deixou clara a escolha pela mesmice como forma de obediência às normas sociais que elas seguiam, a narradora avalia e julga a vida do casal como sendo “uma vida de mau poeta: vida de sonho” (LISPECTOR, 1998, p. 84), fazendo comparação aos comentários que o casal fazia à vida das demais pessoas que não seguiam às mesmas condutas que ele: “Às vezes, quando falavam de alguém excêntrico, diziam com a benevolência que uma classe tem por outra: ‘Ah, esse leva uma vida de poeta’” (LISPECTOR, 1998, p. 84). Logo em seguida, ela recua em seu próprio posicionamento, reiterando que o casal não levava uma vida de poeta: “Não, não é verdade. Não era uma vida de sonho, pois este jamais os orientara. Mas de irrealidade” (LISPECTOR, 1998, p. 84).

Desse momento em diante, a organização temática do conto sofre alterações, passando de descrições conjuntas das personagens, pois estes eram tratados como casal, a descrições individualizadas. Isso acontece quando a narradora vai tratar dos “momentos em que de repente, por um motivo ou por outro, eles afundassem na realidade. E então lhes parecia ter tocado num fundo de onde ninguém pode passar” (LISPECTOR, 1998, p. 84). Isso ocorre quando, finalmente, a narração atinge os níveis mais elevados de penetração nas personagens e teremos informações mais aprofundadas sobre suas personalidades. Vale salientar que apenas através da onisciência da narradora é possível ter conhecimento íntimo dos protagonistas, pois, caso adotasse outro tipo de focalização, pouco se poderia conhecer sobre as personagens, que quase não se comunicavam com outras pessoas, como exposto no trecho: “poucas palavras [...] se conheceram do casal” (LISPECTOR, 1998, p. 84).

Ao comentar sobre o marido, o momento de descrição mais aprofundada sobre ele ocorre quando este se encontrava sozinho: “voltava para casa mais cedo do que o de hábito e a esposa ainda não havia regressado de alguma compra ou visita. Para o marido interrompia-se então uma corrente” (LISPECTOR, 1998, p. 84). É a ausência da esposa no espaço físico que lhe trazia a possibilidade de tocar na realidade:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Nesse momento é que o marido tocava no fundo com pés surpreendidos. Não poderia permanecer muito tempo assim, sem risco de afogar-se, pois tocar no fundo também significa ter a água acima da cabeça. Eram assim os seus momentos concretos. O que fazia com que ele, lógico e sensato, se safasse depressa. Safava-se depressa, embora curiosamente a contragosto, pois a ausência da esposa era uma tal promessa de prazer perigoso que ele experimentava o que seria a desobediência. Safava-se a contragosto mas sem discutir, obedecendo ao que dele esperavam. Não era um desertor que traísse a confiança dos outros. Além do mais, se esta é que era a realidade, não havia como viver nela ou dela.

A partir desse trecho é possível perceber referências ao estereótipo de marido e mulher difundido pelo patriarcado que fica quase oculto no conto, pois é sugerido que o normal da rotina do casal é quando o marido chegasse em casa – provavelmente do trabalho, que é ainda o papel destinado ao homem, principalmente em famílias tradicionais, como é o caso – a mulher estivesse o esperando. Enquanto isso, para ela, é reservada a atividades de “emendar roupas”, além de ter menos “colegas de trabalho, ônibus cheio, palavras administrativas” (LISPECTOR, 1998, p. 85) que o marido. Reforçando esse argumento, notamos que já existia uma ideia preconcebida sobre homens e mulheres – ou marido e esposa – no início do conto, mesmo que ela não fosse externada pela narradora, ao dizer que

[...] um homem e uma mulher estavam casados.
Já em constatar este fato, meu pé afundou dentro. Fui obrigada a pensar em alguma coisa. Mesmo que eu nada mais dissesse, e encerrasse a história com esta constatação, já me teria comprometido com os meus mais desconhecíveis pensamentos. Já seria como se eu tivesse visto, risco negro sobre fundo branco, um homem e uma mulher. E nesse fundo branco meus olhos se fixariam já tendo bastante o que ver, pois toda palavra tem a sua sombra. (LISPECTOR, 1998, p. 81-82)

Assim, ao pensar na figura masculina e feminina, várias inferências já foram feitas, pois elas têm representações histórico-sociais importantes, carregando em seus significados muito mais que uma definição biológica, mas uma pluralidade de sentidos, como afirma Amorim: “Pode-se inferir que essa sombra refere-se ao significado (ou à multiplicidade significativa) – espécie



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de alma – projetado a partir do significante, constituindo um duplo, a bifurcação terminológica” (2008, p. 59).

Já em relação à esposa, “esta tocava na realidade com mais frequência, pois tinha mais lazer e menos ao que chamar de fatos” (LISPECTOR, 1998, p. 85), e esta realidade era trazida nos momentos em que estava sentada remendando roupas. Assim como o marido, tocar a realidade para a esposa é fugir por um instante da atmosfera flutuante que eles construíram para si, sem tomar direções e, também, sem tocar o pé no chão, sem experimentar o concreto, pois tocar a realidade é tomar conhecimento de si próprios e de suas condições.

O autoconhecimento era algo inconcebível para o casal. Engana-se a mulher ao pensar que lhe “era intolerável [...] a sensação de estar sentada a emendar roupa. O modo súbito do ponto cair no *i*, essa maneira de caber inteiramente no que existia e de tudo ficar tão nitidamente aquilo mesmo – era intolerável” (LISPECTOR, 1998, p. 85), pois, na verdade, o que é intolerável era tomar conhecimento de que a vida construída cabia no que existia, que sua existência e o que ela é e sonha cabem em si, não extrapolam seus limites.

A realidade traz para eles a noção de individualidade, que estava morta desde que as personagens a abandonaram para se tornarem casal e isso frustraria a imagem que conseguiram construir através do casamento. Por esse motivo, ao tocar o chão, eles conseguem visualizar outro modo de vida, em que eles ressurgem individualizados. Segundo Amorim,

Vida e morte, no conto, se encontram de tal forma entrelaçados que um é o outro e vice-versa. Enquanto os indivíduos vivem a “irrealidade”, a vida em desencontro com o “eu”, sucumbem, por não terem coragem de experimentar o “salto mortal”. Todavia, nos pequenos momentos em que se entregam aos seus mais encobertos anseios, cada um se olha e sente a presença agonizante da finitude (a água pelo pescoço) (2008, p. 62).

É a partir disso que eles começam a ver a possibilidade de serem felizes de outra forma, “um deles chegou à conclusão de que, sozinho, sem o outro, viveria mais” (LISPECTOR, 1998, p. 86). A mulher, “provocada exclusivamente pelo fato de ser mulher –



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

passou a pensar que um outro homem a salvaria. O que não chegava a ser um absurdo. Ela sabia que não era” (LISPECTOR, 1998, p. 86). E o homem, “influenciado pelo ambiente de masculinidade aflita em que vivia, e pela sua própria, que era tímida mas efetiva, começou a pensar que muitas aventuras amorosas seriam a vida” (LISPECTOR, 1998, p. 86). Mesmo desejando intimamente alcançarem a felicidade separados, eles não o fazem.

As personagens acovardam-se diante da alternativa do divórcio justamente porque esse representaria a falha de um acordo matrimonial que eles assumiram consigo mesmo e com a sociedade, da qual se tornaram vítimas. Isso porque as personagens participam de uma ideologia de que os casamentos duradouros, aqueles que duram até a morte, são sinônimo de felicidade e, para cumprir com esse anseio, sentiam-se obrigados a aguentá-lo corajosamente: “passaram a sofrer sonhadores, era heróico suportar” (LISPECTOR, 1998, p. 86).

Por esse motivo, o título do conto é perfeitamente coeso, pois não se pode dar outra qualidade aos protagonistas se não a reputação, que para eles era honroso, de serem obedientes. Porém, ao mesmo tempo em que esse adjetivo lhes é visto como qualidade, ele também representa a grande desgraça da vida do casal, pois, por escaparem da realidade e do senso crítico, não conseguem ver que eles obedecem aos outros e desobedecem a si mesmos.

Esse tipo de comportamento em relação à perpetuação do casamento é enaltecido durante vários momentos do conto motivados pela obediência ao que eles consideram serem os desígnios de Deus para o sacramento do matrimônio. Em várias passagens é mostrada a relação do casal com a religião como influenciadora de suas condutas, como no trecho: “O papel que cumpriam, com certa emoção e com dignidade, era o de pessoas anônimas, o de filhos de Deus, como num clube de pessoas” (LISPECTOR, 1998, p. 83).

É dessa maneira que este conto incorpora em seu enredo relações intertextuais com passagens da *Bíblia*, encontradas, principalmente, no início do livro *Gênesis*. Isso porque como o casal seguia regras determinados socialmente, principalmente motivadas por um grupo social do qual faziam parte, dos quais cultivavam a máscara de “homens de boa-vontade. Assemelhava-se à vida irremediável para a qual Deus nos quis” (LISPECTOR, 1998, p. 83), que seria, segundo os textos bíblicos, a boa vida preparada para Adão e Eva no jardim



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

do Éden em troca de obediência. Os protagonistas do conto buscavam a mesma recompensa em vida por sua obediência, porém, essa expectativa acaba quando, sem motivações especiais, a protagonista do conto dá uma mordida em uma maçã, assim como Eva fez por influência da serpente, e isso muda completamente a vida que ambas cultivavam.

No texto bíblico, ao criar o Éden, Deus “colocou a árvore da vida no meio do jardim, e também a árvore do conhecimento do bem e do mal” (GÊNESIS 2:9; 1991, p. 15) e advertiu a Adão: “não pode comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, com certeza você morrerá” (GÊNESIS 2:17; 1991, p. 15). Após Deus ter criado a mulher, no entanto, a serpente a enganou dizendo: “De modo nenhum vocês morrerão. Mas Deus sabe que, no dia em que vocês comerem o fruto, os olhos de vocês vão se abrir” (GÊNESIS 3:4-6; 1991, p. 16). Assim,

a mulher viu que a árvore tentava o apetite, era uma delícia para os olhos e desejável para adquirir discernimento. Pegou o fruto e o comeu; depois o deu também ao marido que estava com ela, e também ele comeu. Então abriram-se os olhos dos dois, e eles perceberam que estavam nus (GÊNESIS 3:6-7; 1991, p. 16).

Adão e Eva, ao comerem a maçã, são acometidos por uma revelação que os fazem enxergar o mundo e a si mesmos de outra forma, como uma epifania.

No conto clariciano, ocorre algo semelhante. Ao morder a maçã, a mulher:

sentiu quebrar-se um dente da frente. Com a maçã ainda na mão e olhando-se perto demais no espelho do banheiro – e deste modo perdendo de todo a perspectiva – viu uma cara pálida, de meia-idade, com um dente quebrado, e os próprios olhos... (LISPECTOR, 1998, p. 86-87).

Dessa maneira, a perda do dente foi o motivo que levou a personagem feminina a se olhar no espelho de forma tão próxima que a fez perder a perspectiva, tendo no espelho a visão somente dela própria. Olhando, enfim, apenas para si mesma, começa a se perceber de outra forma.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Estando impregnada da realidade, não podendo fugir dela como sempre fizera, a personagem foi obrigada a tocar o fundo e olhar atenta e temerosamente para o próprio rosto, com todas as marcas do tempo e da vida que levou até aquele instante, enxergando os próprios olhos e não mais atenta aos olhos do outro. Tomada pela epifania que essa imagem lhe causou, assim como Eva diante do fruto proibido, ela adquiriu o discernimento, e se viu de outra forma, provando, enfim, do fruto proibido do conhecimento.

Como resultado, a personagem clariciana, que para conservar o casamento sabia que era necessário viver na irrealidade, pois a realidade a trazia questionamentos profundos e desejos extraconjugais, desobedece a condição de irrealidade ao olhar profundamente a si mesma diante do espelho e se reconhecer. Por esse motivo, sofre sem demora a morte, como consequência da qual Deus alertou Adão e Eva caso não seguissem suas ordens: “Tocando o fundo, e com a água já pelo pescoço, com cinquenta e tantos anos, sem um bilhete, em vez de ir ao dentista, jogou-se pela janela do apartamento” (LISPECTOR, 1998, p. 87). Neste momento, o desfecho dramático do conto é apresentado, mostrando a reação extrema da personagem que dá fim à própria vida para se livrar da realidade com a qual se abatera.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: “SE ESTA É QUE ERA A REALIDADE, NÃO HAVIA COMO VIVER NELA”

A relação das protagonistas com a morte neste conto se mostra muito próxima, pois ela se apresenta na narrativa tanto de forma simbólica como física. A morte física da mulher do conto é a escolha fatal, a solução drástica para se livrar do sentimento desesperado de perceber que havia desperdiçado grande parte de sua vida e que não haveria coragem para reconstruí-la. O suicídio se configura como resultado de uma morte simbólica gradual que vinha se estendendo durante o período em que esteve casada em um processo de abandono da individualidade que a leva (assim como ao marido) gradualmente à morte de si própria, não existindo mais em si mesmo, como afirma Amorim ao dizer que “a perda de individualidade conduz à morte-em-vida” (2008, p. 64).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Acreditamos que o conto “Os obedientes” traz em seu enredo uma carga dramática densa, mas que é tratada com leveza pela narração por tratar principalmente de situações corriqueiras da vida do casal; incluindo o final trágico da personagem feminina, que é contado de forma breve sem alterar o tom de banalidade conferido pela narradora.

Finalmente, como já mencionado anteriormente, é possível perceber que os dois protagonistas apresentam aspectos duplos em sua personalidade por fazerem uso de uma máscara social que não é criada por eles, mas que ambos adotam. Dessa maneira, as personagens se desfazem de si mesmas através da cobertura do próprio rosto para, a partir do uso de uma máscara social, tentar fazer funcionar uma fórmula de relacionamento que lhes concedesse o sucesso no casamento. Para tanto, era necessário se desfazerem de suas individualidades, bem como manterem seus desejos íntimos ocultos; fardo esse que a personagem feminina decidiu não mais suportar.

Neste conto, a anulação ocorre de forma mútua: homem e mulher se anulam a favor de seu relacionamento. Mas, mesmo vendo a anulação como imposta ao marido e à mulher, no conto de Clarice Lispector, percebemos que, nessa relação, é dada ao marido a possibilidade de sempre estar longe do lar, ambiente que simboliza a união dos dois. O que não é oferecido ao feminino. Nas relações de gênero que pudemos observar nessa análise, é possível perceber claramente que à mulher são reservadas atividades e comportamento geralmente associados ao feminino, como resultado da obediência ao sistema patriarcal que ainda impera, principalmente em grupos sociais tradicionais como aquele ao qual o casal pertencia.

REFERENCIAL TEÓRICO

AMORIM, Cristiane. O morrer e a morte em “Os obedientes”, de Clarice Lispector: uma leitura baseada na obra *O homem e a morte*, de Edgar Morin. Acesso em: <http://www.revistadiadorim.letas.ufrj.br/index.php/revistadiadorim/article/view/156/164>. Disponível em 29 de julho de 2014, às 19h54min.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. Paulus Editora. São Paulo. 1991.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.